

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA AMAZONENSE:
HISTÓRIA, MITO E MEMÓRIA**

PARINTINS-AM

2017

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

RALLYME VASCONCELOS COSTA

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA AMAZONENSE:
HISTÓRIA, MITO E MEMÓRIA**

Monografia apresentada como requisito à obtenção do título de Licenciada no Curso de Letras, da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

Orientadora: Prof^a. Msc. Delma Pacheco Sicsú

PARINTINS-AM

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

RALLYME VASCONCELOS COSTA

A LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA AMAZONENSE: HISTÓRIA, MITO E MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em: ___/___/___ para a obtenção do grau de Licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Prof^a. Msc. Delma Pacheco Sicsú – Orientadora - UEA

Prof. Msc. Franklin Roosevelt – Membro - UEA

Prof. Marcio Azevedo da Silva – Membro - UEA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Raimundo Ribeiro Costa e Waldeise Vasconcelos Costa, por acreditarem nessa vitória, por me darem força e coragem para superar os obstáculos; aos meus irmãos, pela paciência e principalmente por terem me incentivado a correr sempre em busca dos meus sonhos; ao meu avô Álvaro Vasconcelos *in memoriam*; à minha orientadora Delma Pacheco Sicsú.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me concedeu saúde e sabedoria para realizar meus estudos.

Agradeço a minha família pela motivação e apoio nos momentos difíceis, pois entenderam as minhas dificuldades e me apoiaram quando precisei.

A minha mãe e meu pai que sempre lutaram para que tivéssemos uma boa educação pautada no amor, respeito e humildade.

Agradeço a minha irmã Jaciara Vasconcelos que disponibilizou seu notebook para facilitar na escrita dessa monografia.

Agradeço as minhas amigas Kélvia Rocha e Dilciane Matos que durante esses anos de vida acadêmica estiveram me incentivando e consolando nos momentos de aflição.

Aos meus professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio Julieuzza Natividade e Augusto Savedra que foram meus maiores incentivadores para cursar essa faculdade. Registro aqui meus agradecimentos e respeito por contribuírem significativamente na minha formação.

Agradeço profundamente a minha orientadora Msc. Delma Pacheco Sicsú por ter me aceito como orientanda e através desse trabalho criado um laço afetivo de amor e respeito.

A meu amigo André que durante todos esses anos esteve torcendo pela realização do meu sonho, por ter sido paciente e companheiro nos momentos em que eu precisei me ausentar para estudar. Agradeço imensamente por ter segurado em minha mão e me acompanhado até aqui.

Ao meu amigo Magno Judiss que apesar de conhecê-lo a pouco tempo tornou-se uma pessoa muito querida em minha vida, pois no momento mais difícil me ouviu e me fez sorrir novamente.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tratar sobre o mito, história e memória como elementos de resgate da literatura Infantojuvenil Indígena Amazonense, que apesar de nova traz consigo muitos conhecimentos dos povos amazônicos e busca apresentar através da literatura a cultura dos povos amazônicos. Diante desse contexto é que se priorizou analisar narrativas literárias indígenas, voltadas para o público infantojuvenil, numa perspectiva memorial. A pesquisa tem sido de grandes contribuições acerca das atividades realizadas, pois permite que o conhecimento sobre o mito, a história e a memória seja expandido e conceituado através das leituras e análises realizadas, possibilitando também o aprofundamento da cultura desses povos e aproveitamento do vasto campo linguístico que existe entre eles. Este trabalho tem como objeto de análise duas narrativas indígenas intituladas “Pequenas Guerreiras” do escritor Yaguarê Yamã e “Çaíçú’Indé,” do autor Roní Guará. Como suporte teórico lançou-se mão dos estudos de Neide Godin (2007), Marcio Souza (2010), Mircea Eliade (2010), Everardo Rocha (1999) e Delma Sicsú (2013), que tem contribuído significativamente para o enriquecimento desta pesquisa.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil Indígena, História, Mito, Memória e Identidade.

ABSTRACT

The present project aims to deal with myth, history and memory as elements of rescue of the Amazonian Indigenous Child Literature, which, although new brings with it many knowledge of Amazonian peoples and seeks to present through literature the culture of Amazonian peoples. Given this context is that it prioritizes disseminating and analyzing indigenous literary narratives, aimed at children and youth, from a memorial perspective. The research has been of great contributions about the activities carried out, since it allows the knowledge about myth, history and memory to be expanded and conceptualized through the readings and analyzes carried out, allowing also the deepening of the culture of these peoples and exploitation of the vast field language between them. This work has as object of analysis two indigenous narratives titled "Small Guerreiras" of the writer Yaguarê Yamã and "Çaíçú'Indé" of the author Roní Guará. As a theoretical support, the studies of Neide Godin (2007), Marcio Souza (2010), Mircea Eliade (2010), Everardo Rocha (1999) e Delma Sicsú (2013), have contributed significantly to the enrichment of this research.

Keywords: Indigenous Children's Literature, History, Myth, Memory and Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 BASE TEÓRICA E CONCEITUAL	10
2.1 PERCURSO HISTORICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA: DA GÊNESE A CONTEMPORANEIDADE.	10
2.2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL AMAZONENSE: PERCURSO HISTÓRICO, SITUAÇÃO, CAMINHOS, DESAFIOS	15
2.2.1 A literatura Amazonense e sua relação histórica e cultural	15
2.2.2 Compreensão Histórica do Espaço Amazonense	20
CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DE DADOS	25
3.1 MITO, MEMÓRIA E HISTÓRIA NA OBRA PEQUENAS GUERREIRAS ...	25
3.2 MITO E IDENTIDADE NA OBRA ÇAIÇÚ´INDÉ	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Quando é proposto nesta pesquisa analisar obras da Literatura infantojuvenil indígena amazonense é percebida certa dificuldade com relação aos equívocos que existem com relação a essa literatura, pois os críticos e leitores consideram está uma “literatura menor” por ser destinada ao público jovem, mas precisa alertar que a literatura infantojuvenil amazonense pode ser lida por todos os públicos, pois carrega em suas obras um leque de enredos voltados à cultura, crenças, reflexões e abordagens misteriosas colocando o imaginário local em evidência.

Outro fator que faz a literatura indígena amazonense ser menos conhecida advém do acesso restrito que há para com a mesma, pois é comum os alunos das séries iniciais, fundamental e médio não terem acesso a essas narrativas, pois não fazem parte do conteúdo programático do professor de Língua Portuguesa/Literatura. O aluno conhecerá a Literatura Brasileira com obras de Machado de Assis, José de Alencar, Clarice Lispector, Monteiro Lobato, conhecerá Literatura Portuguesa com Almeida Garret, mas não conhecerá a Literatura que ele vive cotidianamente, que faz parte da sua história e de suas memórias. Os estudantes irão ter acesso à literatura indígena amazonense em duas formas: a primeira consiste em professores que trabalham as narrativas amazonenses mesmo sem fazer parte do conteúdo programático visto que de cinco anos para cá os vestibulares começaram a cobrar obras de Marcio Souza e Milton Hattoum como leituras obrigatórias. A segunda forma é após aprovação em vestibulares, os alunos que fizerem o curso de Letras irão conhecer, pois haverá disciplinas voltadas para essa literatura sendo ainda restrita a poucas obras e conteúdo, e mesmo com esse contato ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que tratam dessa literatura. Além desses fatores, ainda soma a todo esse processo negativo o fato das editoras cobrarem taxas muito altas para a publicação fazendo muitos escritores desistirem de publicar seus livros, outros escritores buscam nas editoras de outros estados a publicação, pois se torna mais viável. Essa ação causa outra problemática que gira em torno da dificuldade de encontrar nas livrarias da região as obras indígenas amazonenses.

É dentro desse cenário de dificuldades em torno da literatura amazonense que surge a necessidade de analisar duas obras da literatura infantojuvenil indígena amazonense com a finalidade de dar um destaque maior para a literatura Infantojuvenil Indígena amazonense que, apesar de nova traz consigo muitos conhecimentos dos povos amazônicos e busca apresentar, através da literatura, a cultura, a fauna e flora, os mitos, ritos e crenças dos povos amazônicos. Diante desse contexto é que se prioriza nessa pesquisa analisar narrativas

literárias indígenas, voltadas para o público infantojuvenil, numa perspectiva memorial, tomando como base os mitos e as memórias dos povos indígenas presentes nessas narrativas. Tem-se como objetivos específicos fazer o levantamento bibliográfico acerca dos temas em questão: ler as obras elencadas para o estudo desta pesquisa; analisar e identificar nas narrativas literárias indígenas o Mito, História e a Memória.

A pesquisa tem sido de grande contribuição acerca das atividades realizadas, pois permite que o conhecimento sobre o mito, a história e a memória seja expandido e conceituado através das leituras e análises realizadas, possibilitando também o aprofundamento da cultura desses povos e aproveitamento do vasto campo linguístico que existe entre eles. Este trabalho tomou como objeto de análise duas narrativas intituladas “Pequenas Guerreiras” de Yaguarê Yamã e “Çaíçú’indé: o primeiro grande amor do mundo” do autor Roní Wasirí Guará. As obras elencadas foram selecionadas por serem escritas por indígenas e tratarem de temas que fazem parte do cotidiano amazonense.

Pretende-se não apenas analisar como o mito, a história e a memória se manifestam nas obras, mas também mostrar ao leitor o percurso que a Literatura Infantojuvenil Indígena Amazonense percorreu desde de seus primeiros registros até a atualidade, situando o leitor sobre as transformações que ocorreram na sociedade e que influenciaram diretamente na literatura, trabalhando ainda com a importância do escrever amazônico e da diversidade que existe em todo o país.

Para a realização desta análise, tomou-se como base teórica estudos voltados para o Mito, a História e Memória a partir das pesquisas de Mircea Eliade, Everardo Rocha, Jacques Legoff, Trindade e Laplatine, entre outros que contribuíram com a pesquisa.

Esta pesquisa foi dividida em três capítulos: o primeiro trata sobre o referencial teórico que é dividido em dois tópicos; “Percurso Histórico da Literatura Infantojuvenil Brasileira: da gênese a contemporaneidade”, que trata sobre os caminhos trilhados pela literatura brasileira desde os primeiros registros históricos ainda fazendo ligação com o surgimento da literatura infantil e juvenil até tornar-se a infantojuvenil com enfoque nos processos de transformação da literatura; O segundo tópico é intitulado como “A literatura Infantojuvenil Amazonense: percurso histórico, situação, caminhos, desafios”; Neste tópico é proposto um estudo detalhado acerca da literatura amazonense evidenciando suas fases e o processo de formação da cidade de Manaus. Este tópico foi dividido em dois sub tópicos, sendo eles: A Literatura amazonense e sua relação histórica e cultural vem com o intuito de mostrar a construção da identidade a partir da literatura amazonense relacionando com os processos sociais e culturais que marcam a capital do estado do Amazonas. É traçado um percurso onde percebe-se que a

literatura e o contexto social caminham na mesma direção. O segundo sub tópico intitulado “Compreensão Histórica do Espaço amazonense” que se volta a questões históricas desde a vinda das primeiras navegações frisando também o período colonial, os tratados assinados, missões expondo os momentos e nomes que marcaram a história da cidade.

O segundo capítulo trata dos procedimentos metodológicos adotados para a construção deste trabalho, tomando como fundamentos uma abordagem de natureza qualitativa por esta considerar o pesquisador como o principal instrumento para a coleta de dados. Nesse direcionamento utilizou-se abordagem do estudo fenomenológico, fazendo uso da pesquisa bibliográfica.

Por fim, o próximo capítulo está direcionado a análise das obras mostrando como os elementos vão se manifestando e relacionando. Percebe-se que, apesar de serem elementos distintos e que possuem várias linhas de pesquisas esses elementos se relacionam e transformam a narrativa em recursos históricos e literários. É aqui neste tópico que o mito será tido como sagrado, verdadeiro e construtor de memórias que marcam a história dos povos. Neste ponto, a pesquisa se divide em dois sub tópicos, sendo eles: mito, memória e História na obra “Pequenas Guerreiras” e o segundo consiste em Mito e Identidade na obra “Çaíçú’Indé”.

Acredita-se que a pesquisa em questão faz-se de suma importância para estudantes e pesquisadores que desejam conhecer e compreender a literatura infantojuvenil indígena amazonense, pois essa traz em seu legado a história de povos indígenas que durante muitos anos foi sendo esquecida e pouco valorizada. A pesquisa serve como suporte teórico para novas pesquisas, além de ser uma forma de divulgação dessa literatura no cenário acadêmico atendendo o critério de inovação que é exigido.

1. BASE TEÓRICA E CONCEITUAL

2.1 PERCURSO HISTORICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA: DA GÊNESE A CONTEMPORANEIDADE.

Este tópico sobre a história da literatura brasileira vem abrir um leque de questionamentos acerca do que é a literatura brasileira e de quando ela começou. Evidencia-se aqui o fato de que a literatura passou por dois períodos: em literatura colonial e literatura nacional, sendo que esta não deveria ter essa divisão, pois as obras escritas no Brasil mesmo sendo escritas por portugueses já pertencem à literatura nacional. Esse questionamento

levanta críticas em relação ao papel do Brasil como reflexo de feitos portugueses. Sempre foi comum levantar a bandeira de que o Brasil viveu nas sombras das outras literaturas, pois não era capaz de criar sua própria característica. Como evidencia Coutinho (2007), a literatura brasileira possui sim características próprias e seus escritores relatam o que é o Brasil e mesmo sendo um português escrevendo, ele escreve nacionalmente até por sua posição geográfica. O autor mostra-se determinado a romper o pensamento de que somos inferiores e sempre iremos depender dos estudos portugueses e não aceita que mentores falsos venham dizer o que fazermos, pois, o Brasil possui características únicas, linguagem única e nenhuma literatura se aproxima a literatura feita no país.

Já não vive a literatura brasileira inspirada na miragem europeia, mas é no Brasil que ela busca os, motivos de enriquecimento da imaginação criadora, que por sua vez procura exprimir-se pelos veículos de uma linguagem adequada a sensibilidade nacional, diferenciada das padrões de um classicismo lusitanizante (COUTINHO, 2007, p.49).

Interessante observarmos na construção da literatura brasileira que, durante tempos, sua ideia era baseada em laços de dependência à Europa, ou seja, essa literatura era espelhada e construída através de outra cultura, que se torna discutível, pois a literatura caracteriza a construção de uma sociedade.

Para El Far (1970), o Brasil é marcado por grandes conflitos em relação à leitura e literatura. O primeiro ponto a ser observado é a chegada em 1810 da primeira biblioteca com o intuito de demonstração de poder por parte da Coroa Portuguesa. Durante esse período o livro foi considerado elemento da nobreza e mesmo que nunca tivesse sido aberto este indicava quem dominava o poder, algum tempo depois se tornou de fácil acesso e foi perdendo seu valor. Durante os primeiros anos do século XX, os grandes escritores davam início a uma discussão que era responder se o Brasil era ou não um país leitor? Olavo Bilac afirma que o fato do Brasil não ler era justamente pela “razão única de não saber ler” que ia de encontro com o pensamento de João do Rio. Nesse período, com avanços das tecnologias era assistido o crescimento dos centros urbanos e barateamento do livro, abrindo assim acesso aos livros.

Com a criação das escolas no império de D. João VI surge também a vertente dos livros didáticos que são considerados por Lajolo como os *primos pobres* da literatura, pois estão distantes de serem obras para incentivar a leitura. Estes surgiram para reunir resumos e atividades que não conversam com o cotidiano do leitor. A literatura, mesmo sendo arte,

busca tratar de assuntos da realidade para ser registro memorial bem como denunciar ou mostrar o contexto da sociedade (SICSÚ,2014, p.54). Diz que “A Literatura Brasileira, como outras literaturas, reflete em suas produções literárias o contexto histórico, social e cultural no qual foi produzida, fazendo, assim, uma releitura dessa realidade através da ficção”, isto é, a literatura lê a realidade e escreve sobre ela para que o leitor conheça sua realidade e a questione.

Dentre as fases da Literatura no Brasil, tem-se a Literatura Colonial que surge logo após o descobrimento do Brasil onde o primeiro documento literário é a conhecida Carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em linguagem fluente e poética, que foi influenciada pelo contexto literário cultural e histórico levando em conta que as atividades econômicas serviram de base para produção literária. “Literariamente, do ponto de vista estrito da crítica literária, não pode haver literatura colonial, se quer definir com isso a literatura produzida numa colônia ou povo colonizado, colonial” (COUTINHO, 2008, p.19). A colonização é o ponto de embate entre cultura portuguesa e cultura indígena onde os índios em sua maioria tiveram que deixar para traz parte de sua cultura para sofrer o processo de acultramento.

Em segundo lugar, coloca-se o pensamento superior das outras literaturas em relação à literatura infantojuvenil. A literatura infantil foi reconhecida a partir do século XVIII e era destinada inteiramente a funções pedagógicas, isto é, não permitia ao leitor o contato com o imaginário, pois era o autor escrevendo para a criança, era a forma do adulto de pensar em relação aos temas da sociedade.

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta (CUNHA, 2003, p.22).

Durante esse período foi percebido a necessidade de escrever uma literatura diferente para as crianças, mas essa premissa de escrita diferenciada recebeu muitas críticas, pois consideravam pequenos os escritores que se direcionavam para estudos do imaginário infantil. Por ser uma literatura nova e destinada ao público infantil e adolescente não era valorizada. Foi apenas alguns anos após as publicações de Monteiro Lobato, que foi notado a procura para se fazer literatura para crianças com um novo modelo, tomando como peças

fundamentais da escrita o imaginário, uma linguagem simples, trazendo como ensinamentos temas sobre a sociedade.

No Brasil, Monteiro Lobato, é considerado o precursor desta literatura trazendo em seus contos a fantasia, brincadeiras, animais falantes, o folclore brasileiro e a criança como entendedora desses acontecimentos. “Com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado* em 1921, José Bento de Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada especialmente às crianças e jovens” (SANDRONI, 1998, p.13).

A literatura de Monteiro Lobato era considerada diferente e recebeu a denominação de literatura infantil, pois utilizou do imaginário e da cultura para se realizar. Dentre suas obras destacam-se a história da boneca de pano Emília, Visconde de Sabugosa e animais falantes. Com essas personagens o autor trata de assuntos de ordem natural com uma visão diferenciada e acessível pelo leitor iniciante.

Entre tantos pensadores preocupados em conceituar a literatura infantil, Coelho (2000, p.27) afirma que “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.” Assim como qualquer outra, a literatura infantil é literatura e deve ser entendida em sua alteridade, escrever para criança não é atitude menor que escrever para adultos, pode-se entender que o adulto pode interessar-se por escritos infantis bem como a criança/adolescente por escritos para adultos e isso não tornará os escritores inferiores aos outros, o preconceito vinha também dos escritores que negavam suas escritas. Sendo composta essa fase embrionária no Brasil, “em especial por Carlos Jansen (*Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusoe, As viagens de Gulliver a terras desconhecida*), Figueiredo Pimentel (*Contos da Carochinha*), Coelho Neto e Olavo Bilac (*Contos Pátrios*) e Tales de Andrade (*Saudade*)” (Cunha,1998,pg.23).

A literatura é informação e arte, logo estará voltada ao entretenimento dos seus leitores trazendo em seu enredo questões sociais e históricas com intuito de registrar os acontecimentos, em seu início a principal forma de registrar a história dos povos era através das narrativas orais que eram repassadas através de gerações.

Aos estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi seu

principal veículo. *Literatura oral* ou *Literatura escrita* foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição (COELHO, 2000, p.16).

Como se observa a literatura infantil abre um caminho para a imaginação, curiosidades e diferentes maneiras de ver o mundo, mas não é bem utilizada no contexto escolar causando nos leitores certa rejeição, pois a leitura que deveria ser por prazer tornou-se obrigatoriedade. As crianças passam a ver a leitura como requisito para responder uma atividade de sala de aula e não mais como uma atividade prazerosa realizada em um momento de lazer.

A literatura infantojuvenil, na contemporaneidade, apresenta-se como uma nova forma de pensar a literatura, distanciando-se dos padrões literários e das formas de escrever dos séculos passados adotadas pelos tradicionalistas. É fato que a crítica literária nem sempre aceita o novo, pois considera sem qualidade e fora dos padrões dos grandes escritores do cânone. Resende afirma que;

Apesar das queixas repetidas de que há poucos leitores, de que o livro vende pouco etc., é fácil constatar que se publica muito, que novos escritores e editoras surgem todos os dias, e que comenta-se e consome-se literatura. Nas grandes cidades, novas livrarias partilham o mesmo espaço com outras formas de lazer, tornando o convívio com o livro mais sedutor (RESENDE, s/a, p. 16).

Com os avanços tecnológicos foi possível que a literatura tenha sido beneficiada, pois as publicações que antes dependiam inteiramente de terceiros hoje podem ser feitas em sites e mesmo nas editoras, pois o acesso é mais rápido. Há uma preocupação na forma como a literatura está se construindo, pois percebe-se uma facilidade para publicação tornando o mercado literário mais movimentado. Nesse ponto os críticos literários priorizam a forma antiga de publicação, onde a obra era analisada se aprovada esta poderia ir para mercado literário. Penlizer (2012, p.220) afirma que “Os avanços tecnológicos juntamente com o desenvolvimento da imprensa e da comunicação cada vez mais rápida e ágil deram ao homem do início do século XXI um novo perfil.”

Dessa forma, a literatura infantil é uma entidade que associa-se ao imaginário, ao jogo das imagens e ao real para escrever a ficção e cada um desses elementos é de suma importância para a construção das obras nesse século. O imaginário literário brasileiro é rico em diversidade mantendo sua relação direta com o histórico, social e cultural.

2.2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL AMAZONENSE: PERCURSO HISTÓRICO, SITUAÇÃO, CAMINHOS, DESAFIOS

A literatura infantojuvenil indígena amazonense exige pesquisas para ceder espaço e voz a essa literatura no cenário local, que apesar de nova, possui grandes conhecimentos acerca do modo de vida dos povos da Amazônia. É, pois um palco de grandes escritores da atualidade como os indígenas Roni Guará, Yaguarê Yamã, Jaime Diakara que se importam não apenas com o escrever literário, mas também em colocar em evidência questões como preservação das riquezas naturais, miscigenação, as culturas indígenas, os mitos e a preocupação em resgatar a memória cultural de seu povo.

A literatura infantojuvenil amazonense é compreendida como uma extensão da literatura infantil, pois considera alguns dos princípios e é produzida por escritores indígenas e não indígenas, “Na literatura Infantil/Juvenil, surge a tendência de se substituir o herói individual, infalível, “era de exceção”, pelo *grupo*, pela *patota*, formado por meninos e meninas normais. Ou então, por personagens questionadoras das *verdades* que o mundo adulto lhes quer impor” (COELHO,2000, p.24). Assim, podem-se trabalhar todos os assuntos sendo que, de forma literária diferente, as narrativas infantojuvenis costumam trazer um sentido reflexivo para seu leitor a partir de todos os elementos que contemplam o texto literário, como a literariedade e as funções da literatura esta forma de escrever pode ser também utilizada pelos adultos, pois é tão rica como qualquer outra forma de literatura.

2.2.1 A literatura Amazonense e sua relação histórica e cultural

A literatura Amazonense no seu surgimento teve influência de literaturas estrangeiras e da própria literatura brasileira e por conta de sua gênese sofre com a desvalorização. Marcio Souza, em sua obra “Expressão Amazonense”, mostra o percurso que a literatura amazonense faz para se fixar como literatura.

Os primeiros registros amazonenses começam com as crônicas de viagem que buscavam retratar sobre as impressões do novo território. Conhecida como literatura de informação, essa literatura tem registros desde 1500 com a carta de Pero Vaz de Caminha. No Amazonas os relatos são feitos por Frei Gaspar de Carvajal o escrivão que acompanhou Orellana durante a expedição. *O homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido- quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão* (OLIVEIRA, 2014, p.15). A verdade é que com a chegada do colonizador os

índios foram os maiores prejudicados, pois os portugueses, queriam expandir o Cristianismo através das missões e não havia preocupação com a cultura existente, por isso o primeiro ato de aculturação ocorre com a proibição do uso da língua indígena.

Nesse primeiro momento da literatura amazonense há preocupação em relatar sobre a descoberta do território e colocar em evidência a visão do colonizador em relação a história de um povo,

A literatura colonial de crônicas e relações legou uma forma determinada de expressar região, particularmente curiosa e assustadoramente viva. Perdendo suas bases agressivas, suas bases ideológicas que lhe davam consistência, essa literatura repete-se hoje de maneira conformista e mistificada (SOUZA, 2010, p.68).

Historicamente, o Amazonas vai passar por grandes momentos de desvalorização cultural, pois sendo colonizado por Portugueses a região era vista como fonte de extração de matéria prima, porém o único valor atribuído era o econômico, assim não se preocupavam com os registros históricos, culturais e sociais dos habitantes que moravam na região. Sabendo que a região era povoada por índios, os invasores iniciaram o processo de aculturação e exploração da mão de obra indígena porque os nativos se recusaram a servir o branco, eles foram dizimados. Entre milhares desses indígenas está Ajuricaba, que foi forte líder dos índios rebeldes. Para Souza

Pensar criticamente o Amazonas, é pensar o processo político e cultural desta terra que padece de uma completa ausência de investigação científica e está assolada pelo recenseamento ou pelo beletismo. A história do Amazonas é a mais oficial, a mais deformada, encravada na mais retrógrada e superficial tradição oficializante da historiografia brasileira (SOUZA, 2010, p.19).

Foi então com Henrique João Wilkens e Alexandre Rodrigues Ferreira que surgia uma nova perspectiva de literatura amazonense “comprometida e concreta. Comprometida, porque refletia a cosmogonia católica da conquista, e concreta, porque escrevia pra falar da conquista” (SOUZA, 2010, p. 121). A literatura Amazonense surgia ainda sendo escrita por colonizadores com a finalidade de enaltecer os conquistadores colocando o índio como ser vazio, mas quem assume o papel de primeiro poeta amazonense é Tenreiro Aranha¹. Sendo

¹ Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769- 1811), natural do estado do Amazonas, foi escritor e poeta, teve suas obras publicadas 39 anos após a sua morte.

criado por padres e nascido em Barcelos Tenreiro Aranha teve como maior obstáculo a falta de valorização por ser amazonense.

O processo de construção do Amazonas foi se desenrolando e durante o período áureo da borracha teve destaque Tenreiro Aranha que mesmo com todas as questões econômicas e sociais enfrentou o vazio cultural. Para (SOUZA, 2010,123) Não há nenhum escritor do “ciclo da borracha” com exceção de Ferreira de Castro, marcado pela tarefa de escrever como um escritor, essa afirmação é compreendida à medida em que entendemos Ferreira de Castro², escritor Português, mesmo escrevendo sobre a Amazônia, ainda era um registro sob a ótica do branco com relação ao índio colonizado.

O ciclo da borracha chegava ao fim, mas para a literatura esse era o momento oportuno de escrever sobre o Estado. Logo, a queda da economia surgia como fonte de inspiração aos escritores, como os modernistas, que fizeram romances em relação a decadência de Manaus. Durante o modernismo brasileiro houve a preocupação em escrever sobre a Amazônia e seu período de ascensão, na obra “*O Quinze*” de Raquel de Queiroz é retratado a esperança de encontrar trabalho no Norte, Euclides da Cunha em sua obra “*Os Sertões*” vem retratar sobre os fatos sobre a guerra de canudos, Mario de Andrade na obra “*Macunaíma*” vem mostrar ao leitor uma nova face do índio, a miscigenação brasileira e construção da identidade. Souza diz que *foi por meio desses dois momentos de descoberta, creditados ao movimento modernista, que a Amazônia pôde se insinuar e transformar criadoramente a literatura e a cultura nacionais* (2010, p. 35).

A literatura Amazonense foi recebendo grandes escritores que, no decorrer dos anos destinam suas obras ao retrato do cotidiano do ribeirinho, do índio, da cultura local com seus mitos e lendas que engrandecem cada vez mais a região norte do país. Dentre esses escritores temos: Tenório Telles, Marcio Souza, Tiago de Melo, Milton Hatoum, Wilson Nogueira, Yaguarê Yamã entre outros.

Um dos equívocos com os povos indígenas é de *considerar as culturas indígenas como atrasadas e primitivas. Os povos indígenas produziram saberes, ciências, arte refinada, literatura, poesia, música, religião. Suas culturas não são atrasadas como durante muito tempo pensaram os colonizadores e como ainda pensa muita gente ignorante.* (FREIRE, 2009, p.6). Esse pensamento foi sendo o marco para o preconceito com a cultura indígena, pensamento esse que teve como propagador o português, que ao colonizar o território, impôs uma nova língua, novos princípios, religião, costumes para os índios que no decorrer do

² José Maria Ferreira de Castro (1898-1974), escritor português, emigrante, homem do jornalismo, mas sobretudo, ficcionista, é um dos autores com maiores obras traduzidas.

tempo foram sendo aculturados. É comum andarmos pelas ruas das nossas cidades e encontrarmos traços desse aculturação que, a cada dia vem aumentando, é mais comum ainda os jovens e adolescentes conhecerem muito mais da literatura estrangeira do que a literatura nacional ou regional. Por esse motivo surgiu a necessidade de divulgar a literatura amazonense, pois *A ausência de memória é a marca de uma cultura sem autonomia criativa, submissa ao regime de colonização mental* (OLIVEIRA, 2014, p.28) Vale ressaltar o quão é importante conhecermos e valorizarmos as outras literaturas, mas acima disso, tem que estar a atribuição de valores com literatura produzida no país, na nossa região, valorizando a nossa identidade.

É a cultura que codifica e media a relação dos homens com o mundo e deles entre si. A cultura expressa e sintetiza os constitutivos básicos da existência humana e seus níveis econômico, político e social. As civilizações qualquer que seja o nível de sua evolução, estão fundadas no homem como produtor e produto da vida cultural. É a cultura que informa os olhos com os quais o homem vê e compreende o mundo (OLIVEIRA, 2014, p.13).

A diversidade cultural existente no país é um ponto fundamental quando se fala de cultura, tendo em vista que a história do Brasil é marcada pela miscigenação do negro, do branco e do índio. Esse fator não se diferencia da literatura, é construída nesse palco miscigenado, da variação linguística que existe entre os brasileiros. Darcy Ribeiro afirma em sua obra *“Povo brasileiro”* (2006) que o nosso país é “O Brasil de vários brasis”, de norte ao sul, há grandes mudanças culturais e sociais.

A literatura floresce em todas as regiões da nação. Cultural e literalmente, o Brasil é um arquipélago, composto de ilhas regionais perfeitamente caracterizadas. A diversificação local ou as diversidades culturais não perturbam o conjunto, ao contrário, concorrem, cada qual a seu modo típico, para dar ao todo uma unidade, unidade essa feita de particularidades. A diversificação local não se opõe a universalização, empresta, ao invés, caráter ao conjunto, concorre mesmo para forma-lo (COUTINHO, 2008, p.10).

A construção de uma unidade local dá características à literatura, aquela que vem ocupar um papel de denominador para se registrar, passando a ser o interlocutor como unidade, caracterizando a literatura brasileira, levando em consideração a simbologia e seus elementos históricos, políticos e culturais, sendo assim, indispensáveis nessa construção literária.

A história dentro da narrativa é muitas vezes alterada pelo simples fato de ser contada por alguém que não participou diretamente do ocorrido, são vários os exemplos de obras nas quais isso se repete e em outros contextos narrativos o autor busca ser fiel ao ocorrido. Um dos significados de História se remete ao termo “aquele que vê”, isto é, se alguém viu tem fundo de verdade, geralmente conta acontecimentos importantes da sociedade. “Mas a história pode ter ainda um terceiro sentido, o de narração. Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na "realidade histórica" ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula”. (LEGOFF.1924, p.13).

Falar em história é criar um elo com a memória, pois toda história é uma memória contada, na qual cada ocorrência se formaliza num contexto, seja ele cultural, social ou econômico, ganhando sentido a partir da relação entre o passado e o presente. Nesse direcionamento, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LEGOFF,1924, p.423). A relação da história no passado ao presente requer do historiador várias precauções. Essa duração do passado não deixa de viver e de se tornar presente, mas o historiador deve saber diferenciar o que é passado e presente. O passado tem certas influências no presente, por esses motivos o mesmo não pode ser esquecido. É voltando ao passado e buscando a memória que se percebe a diferença entre sociedade essencialmente oral para sociedade essencialmente escrita.

A sociedade de memória essencialmente oral é diferente da essencialmente escrita, pelo fato de existir a necessidade de escrever, tornando a memória viva, evitando o esquecimento. Neste ponto a História se diferencia da memória por um fator único, a verdade, pois a história não permite manipulação, se houver o historiador se tornou partidário e em contrapartida a memória permite àquele que conta fazer alterações beneficiando interesses individuais.

Lévi-Strauss (1978) defende a importância da História, pois a mesma leva o ser humano a conhecer seu passado, pois ela permite reviver as épocas passadas, bem como os acontecimentos marcantes. Esta é tão importante como qualquer outra ciência, pois ela faz o homem conhecer parte do passado e proporcionará a futuras gerações conhecerem o presente/passado.

Percebemos então que há uma ligação entre história, memória e mito que tornam as obras amazonenses um palco para grandes pesquisas. A literatura indígena amazonense é um exemplo disso. Nessa literatura, percebe-se o caminho para a construção da identidade da

criança/adolescente através das narrativas, pois tratar de temas conhecidos como visagens, curupira, onça, floresta, assuntos que o leitor conhece, faz com que este compreenda questões como variedade cultural das tribos amazonenses, respeito com as crenças de cada comunidade e possa ter um posicionamento crítico por meio da literatura. “O artista reflete tudo, as manifestações populares, a tradição restaurada criticamente, sendo agora uma voz que reconhece a valiosa experiência que o povo carrega e que é a única que escapa da coprofagia³ da classe dominante”(SOUZA,2010,p.31).

Entre tantos pensadores preocupados em conceituar o mito, é proposto nesse primeiro momento a compreensão do mesmo como uma narrativa que ocorreu e que tem o intuito de explicar coisas que a ciência não conseguiu respostas, colocando como responsável pelos grandes feitos personagens sobrenaturais superiores a todos, “O mito é o primeiro estágio da arte de narrar, vinculado com o sobrenatural, a superstição. O mito nasce, pois, deste trabalho da imaginação” (GÓES,1991, p.64). Esta categoria é tida como real e sagrada, logo é percebido que se deve ter cuidado em caracterizá-la e discuti-la, pois cada comunidade acredita em uma realidade.

Assim, o que para alguns é verdadeira, para outros pode ser apenas fruto da criação humana. O mito da criação é uma das histórias que mais sofreu alterações, pois cada povo entende e conta de forma diferente, mas a essência está na predominância de um ser superior que determina o futuro de cada indivíduo. O cristianismo, por exemplo, põe Deus como a entidade superior que criou o mundo e tudo que existe, no entanto, para os Gregos existiam vários deuses que interferiam diretamente na vida do homem, mas acima de todos encontra-se Zeus como a entidade superior a todos os outros, bem como os povos indígenas possuem suas entidades superiores que posteriormente serão analisados e colocados em evidência. Nesse sentido, o mito torna-se parte da história, pois este possui vários significados, vários conceitos onde ele é um elemento que retrata algo que ocorreu no passado, sendo ele verdadeiro ou apenas fruto da imaginação humana.

2.2.2 Compreensão Histórica do Espaço Amazonense

Para compreensão de como ocorre a literatura infantojuvenil amazonense fez-se necessário compreender a história do Amazonas e seus períodos históricos, econômicos e sociais a partir das obras *Breve história da Amazônia* do autor Marcio Souza, *O Amazonas a*

³ Para Márcio Souza a palavra coprofagia é essencialmente a ingestão de pensamentos portugueses acerca da cultura indígena.

Época Imperial do autor José Souto. Tal é a importância de compreender os fatos que permitiram dar origem ao espaço amazonense que não podem ser descartados ou ignorados, haja vista que todo esse processo de construção é parte da história, onde a literatura é a responsável por transmitir esses saberes e as memórias.

O processo de colonização do território amazonense se deu a partir do ano de 1494 com assinatura do Tratado de Tordesilhas tornando o Brasil, colônia Portuguesa, mas os espanhóis ainda tinham o poder sobre o território do Amazonas. Durante esse período foram feitas viagens ao território, mas foi em meados de 1540 que Francisco Orellana desce o grande rio, com destino a Espanha. O rio foi batizado por Rio Orellana, mas ao chegar nas proximidades do Rio Nhamundá a expedição é atacada por uma tribo indígena de mulheres que se assemelhava as grandes Guerreiras Amazonas foi então que o rio passou a ser conhecido como Rio Amazonas.

Espaço de grandes riquezas naturais torna-se visado pelos portugueses, espanhóis, ingleses, franceses. Após ouvir os relatos de Orellana, o rei da Espanha Carlos V, ordena que o comandante Pedro de Ursua lidere uma expedição em 1561 com a finalidade de extrair riquezas naturais. Essa expedição consegue o domínio do território, mas o líder é assassinado por seu sucessor Lope de Aguirre, que morre tempos depois. O sucesso da expedição fez com que as nações europeias tentassem invadir o território para exploração da madeira e das especiarias como guaraná, cravo e as resinas.

Em 1750 com o Tratado de Madrid é definido o território que pertenceria a Portugal e a Espanha. Foi então que a região amazônica passou a ser totalmente de Portugal. Preocupados com invasões territoriais são construídos as fortalezas. Nesse mesmo período é construído o forte do presépio (Belém) para proteção territorial. Esse forte era responsável por toda a região que foi conhecida como Grão-Pará.

Segundo Souza (1946, p.74), os fortes foram sendo edificadas à medida que se percebia a necessidade de proteção da grande área de terras sob o domínio Português. Em 1669 é criado o forte do São José da Barra com o intuito de garantir a exploração e o domínio. Foi nesse forte que surgiu o arraial que deu origem ao nome Manaus. Em 1755, a Capitania de São José do Rio Negro é criada a fim de diminuir as dificuldades de liderança e demarcar terras portuguesa evitando invasões. Desse modo, o território amazônico se torna parte do Estado do Pará.

Dom Pedro II, após proclamar a independência em 1822, faz a divisão entre Pará e Amazonas, mas foi apenas em 1850 que foi erguida a Província do Amazonas que teve como primeiro presidente Joao Batista de Figueiredo de Tenreiro Aranha. Sendo durante o segundo

mandato de Herculano Ferreira no ano de 1856 que a província Amazonense determina o nome Manaus.

O processo de construção de Manaus ficou marcado pelo período áureo da borracha (1890-1910), que trouxe grandes avanços tornando-a uma cidade moderna. Durante esse período recebeu grandes investimentos como a construção do Teatro Amazonas, hotéis, bancos, praças, cassinos e todas as regalias que a realeza necessitava para ficar nesse território. Curiosamente, em 1910 a Ásia assume a concorrência oferecendo a borracha natural. Ali era o fim para exportação dos recursos da Amazônia. Logo, a crise afetou a todos, *Manaus saía da ostentação para padecer as agruras da falta de importância política e insignificância cultural. Um trauma que colocou o Amazonas na posição reboquista da qual nunca mais se livrou.* (SOUZA, 2010, p.158), fazendo com que esta fosse esquecida durante muitos anos e ressurgisse apenas em 1967 com a construção da Zona Franca, que impulsionou a economia da região.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica volta-se para resolução de problemas e indagações através do conhecimento científico. O presente trabalho é um estudo voltado para a literatura infantojuvenil indígena Amazonense caracterizando em duas obras literárias três elementos que são respectivamente: o mito, história e a memória. Severino define o trabalho de conclusão de curso da seguinte maneira:

É parte integrante da atividade curricular de muitos cursos de graduação, constituindo assim uma iniciativa acertada e de extrema relevância para o processo de aprendizagem dos alunos. Para a grande maioria, ele representa a primeira experiência de realização de uma pesquisa. (SEVERINO, 2007, p.202).

O trabalho de conclusão de curso é, pois, uma ferramenta utilizada pelos cursos superiores para a iniciação na prática científica. Essa ferramenta como tantas outras possui estrutura, as quais o pesquisador tem que seguir para que a investigação seja efetuada com êxito e esclarecimento. De acordo com Fonseca (200, p.108), “Cada pesquisa tem sua metodologia e exige técnicas específicas para a obtenção de dados. Escolhido o método, as técnicas a serem utilizadas serão selecionadas de acordo com o problema e os objetivos de

pesquisa”. Neste ponto da pesquisa foi feita a construção dos processos metodológicos adotados para a realização deste trabalho

Para Prodanov e Freitas (2013, p.14); “A Metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas”. Toda pesquisa científica perpassa pela avaliação dos métodos e técnicas utilizados no processo metodológico para, assim, situar os percursos trilhados ao longo da realização do estudo. Percursos esses que estão diretamente ligados aos métodos de abordagem e procedimentos, as técnicas, a natureza da pesquisa, tipo da pesquisa e os objetos de estudo.

Para aprofundarmos esta pesquisa é necessário compreendermos a diferença entre os métodos e as técnicas da pesquisa. O método é definido como o artifício que “ nos leva a identificar a forma pela qual alcançamos determinado fim ou objetivo” (OLIVEIRA, 2001, p.58) O método é o caminho que a pesquisa percorreu para a sua realização, este só pode ser definido a partir da elaboração dos objetivos. No entanto a técnica é a “ parte material, é a parte prática pela qual se desenvolve a habilidade de ensinar, aprender, produzir, descobrir e inventar” (OLIVEIRA,2001, p.58). O método é acompanhado pela técnica de maneira que esta relaciona-se com a coleta de dados, isto é, a técnica é o conjunto de instrumentos utilizados para se chegar às respostas do problema.

Esta pesquisa tem, portanto, como método científico de abordagem o estudo fenomenológico, isto é não se constitui da dedução e nem do empirismo, mas é construído através do fenômeno, pois este não se preocupa em comprovar algo real. Para Gil;

A pesquisa fenomenológica se propõe a uma descrição da experiência vivida da consciência, mediante o expurgo de suas características empíricas e sua consideração no plano da realidade essencial. Trata-se, pois, de uma pesquisa que busca descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção (GIL, 2010, p.39).

O método de procedimento que norteou a pesquisa foi o monográfico que é definido como um estudo sobre um único assunto. A monografia tem caráter inovador, pois busca estudar assuntos da atualidade visando uma pesquisa original que resulta em uma contribuição para a sociedade.

Os trabalhos científicos serão monográficos uma vez que satisfaçam à exigência da especificação, ou seja, na razão direta de um tratamento

estruturado de um único tema, devidamente especificado e delimitado. O trabalho monográfico caracteriza-se mais pela unicidade e delimitação do tema e pela profundidade do tratamento do que por sua eventual extensão, generalidade ou seu valor didático (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.155).

Este tomou como fundamento a abordagem de natureza qualitativa por esta considerar o pesquisador como o principal instrumento para a coleta de dados. Sobre esta propositura Chizzotti (1998, p. 12), assegura que a pesquisa qualitativa possui “uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem”. A abordagem qualitativa diverge da quantitativa à medida que a quantitativa busca comprovação através de números, ou medir categoria, mas a abordagem qualitativa busca analisar profundamente as atitudes, comportamento e etc. Segundo Oliveira (2001, p.117) “As pesquisas que utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos”, isto é, este trabalho foi feito através da descrição e análise de fenômenos literários para assim conseguir a classificação dos processos que foram encontrados no decorrer da pesquisa.

O presente trabalho fez uso da pesquisa bibliográfica que se apoia em escritos já existentes para realização da análise das obras elencadas. Gil (2010, p.29) afirma que “A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. A pesquisa bibliográfica surge com as contribuições de autores que tratam sobre o tema trabalhado na pesquisa, é importante ainda que haja preocupação com a seleção dos textos para a composição do trabalho científico, pois esse tem que esclarecer e determinar os dados da análise, isto é, “os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constante dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Esse estudo foi abordado sobre o modelo não experimental, sendo o tipo desta pesquisa descritivo que tem o propósito de esclarecer os conceitos e os resultados desse estudo. A pesquisa descritiva para Oliveira (2001, p.114) “possibilita o desenvolvimento de um nível de análise em que se permite identificar diferentes formas dos fenômenos, sua ordenação e classificação”. A técnica é indireta, pois não há aplicação de questionários esta se restringe a análise de fenômenos onde o pesquisador é o principal elemento da pesquisa.

A presente pesquisa teve como objeto de análise duas narrativas da literatura infantojuvenil indígena amazonense que foram analisadas e constataram a presença do mito,

da história e da memória. As narrativas estudadas são *Çainçú'Indé: O primeiro grande amor do mundo* do autor Roni Guará e a obra *Pequenas Guerreiras* do escritor Yaguarê Yamã que trazem no enredo um vasto conhecimento em relação aos temas estabelecidos. Tomou por mão as obras teóricas dos escritores Jacques Legoff (1990), Everardo Rocha (2008), Mircea Eliade (2000) e Neide Godim (2007) e outros que contribuíram para o sucesso deste trabalho.

Além do mito, da história e da memória foi colocado em evidência sobre a importância dessas narrativas para a construção da história dos povos amazônicos. Diante desse contexto é que se prioriza a divulgação e análise narrativas literárias indígenas, voltadas para o público infantojuvenil, numa perspectiva memorial.

Nesse sentido, a pesquisa em questão faz-se de suma importância para estudantes e pesquisadores que desejam conhecer e compreender a literatura infantojuvenil indígena amazonense, pois essa traz em seu legado a história de povos indígenas que durante muitos anos foi sendo esquecida e pouco valorizada.

3. ANÁLISE DE DADOS

3.1 MITO, MEMÓRIA E HISTÓRIA NA OBRA PEQUENAS GUERREIRAS

Este capítulo trata sobre a análise das obras elencadas para o estudo. Obras indígenas que pertencem a literatura infantojuvenil amazonense onde reúnem os saberes dos povos amazônicos. Após fazer o percurso que a Literatura Infantil brasileira percorreu até a formação dos primeiros registros da Literatura Infantojuvenil, é necessário especificar como os elementos mito, memória e história são manifestados dentro dos enredos.

Para entender como o mito, a história e a memória se manifestam nas obras foi preciso um estudo direcionado a essas categorias acima citadas. Estudo esse que se voltou aos conceitos e às formas como esses elementos se apresentam nas narrativas. A obra *Pequenas Guerreiras* do autor Yaguarê Yamã é uma narrativa que reúne em seu conteúdo informações importantes para a construção da memória e da história, pois é rica em ritos, crenças e valores que pertencem a tribo das Amazonas.

Na narrativa é contada a história de um grupo de cinco meninas que estão em momento de transição para a adolescência e como de costume da tribo das Amazonas estão se preparando para participar do principal rito das índias daquela tribo, tornar-se mulher Amazona. Certo dia, enquanto as líderes da tribo estavam fazendo suas atividades diárias, as

meninas decidiram ir à margem do rio. Ao chegarem à margem do rio encontram homens brancos que ao verem as meninas tentam capturá-las, mas as meninas mostram que a inteligência é superior à violência.

Nessa primeira parte da narrativa encontramos como a História se manifesta através da Lenda das Amazonas. Para Legoff (1924), a história é uma ciência que não se prende ao passado, mas que possibilita compreender o presente pelo passado como também conhecer o passado pelo presente, isto é, a história é a ciência que irá permitir que as transformações da sociedade sejam registradas para que as futuras gerações conheçam os fatos do passado. Por este motivo o passado receberá um valor importante para o presente. *Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à idéia que histor 'aquele que vê' é também aquele que sabe; historein em grego antigo é 'procurar saber', 'informar-se'. Historie significa pois "procurar" (p. 18).* Então, a história dentre seus vários conceitos pode ser compreendida como “aquele que vê”, isto faz com que voltemos ao passado histórico em que Virgílio irá falar da força das guerreiras Amazonas, que séculos mais tarde os navegadores que vieram para região Norte em busca de conquistar território encontram tribo semelhante e atribuem a elas o nome Amazonas e logo após o gigantesco rio da região, forte e de longo curso recebe o nome de Rio Amazonas.

A literatura Amazonense Indígena traz nos seus enredos aspectos próprios dos povos amazônicos, suas formas de trabalho, suas lendas, crenças, diversidade cultural e linguagem, características estas que contribuem para expandir a cultura indígena por todo país. A contribuição cultural que é feita na narrativa Pequenas Guerreiras está diretamente associada com legado da mulher e as tradições ritualísticas da tribo das Amazonas.

Repensar a vida da cultura no Amazonas em sua história e em sua memória, implica repensar o destino ético-político da cidade, de Manaus, e das cidades interioranas, as margens dos rios e em meio ao maior patrimônio de sócio e biodiversidade do planeta (OLIVEIRA, 2014, p.34).

De acordo com Oliveira, na obra *Cultura, História e Memória* (2014) o homem é entendido como produtor e produto da vida cultural. Ele assume e compreende a cultura de forma que esta transforme a visão sobre o mundo.

A literatura nos estudos de Pelinser e Arendt (2009) é entendida como ficção e uma de suas funções é fazer o processo de identificação de uma sociedade por meio das representações e elementos que identificam o local e a cultura que lá existem. Assim, as

narrativas indígenas amazonenses vão apropriando-se do fantasioso para transformar a arte em reflexão sobre os temas culturais e quebrar com paradigmas que os navegantes europeus deixaram para o povo Amazônico.

No percurso da literatura indígena Amazonense é visto que a Amazônia em seus primeiros registros recebe o olhar do estrangeiro, tornava este lugar uma terra fabulosa, de lendas e mistérios como O eldorado, que durante anos atraiu olhares e criou conceitos sobre uma Amazônia distante da realidade. Para Neide Godim (2007) foi o estrangeiro ou conquistador quem criou uma imagem da Amazônia terra de índio Selvagem perpetuada até nos dias atuais, imagem essa que não descreve com verdade o povo que habita a Amazônia e dentre tantos equívocos, coloca o índio como ser inferior e sem cultura.

A construção da identidade de um povo é tida como ponto de partida cultural, para compreender a importância da literatura. Nessa construção é preciso perceber que a literatura irá trabalhar o contexto histórico, social e cultural em que a obra está sendo escrita, a fim de relatar um fato através da ficção, isto é, aquele que vê irá criar a história para aquele que ainda há de ver fazendo da arte literária elo com a realidade, mas vale lembrar que Legoff na obra “História e Memória” afirma que o historiador pode acrescentar ou alterar algumas informações. Por esse motivo a arte literária não pode ser entendida em sua totalidade como real. A problemática voltada a construção de identidade vem sendo discutida desde o século XIX, quando os escritores Românticos buscaram construir uma literatura propriamente brasileira que retratasse o que era o Brasil, mas foi somente com o Modernismo brasileiro que surge uma literatura genuinamente identitária, quando Mario de Andrade apresenta Macunaíma, que representa a miscigenação que há no Brasil de vários brasis. A personagem principal é descrita como preguiçoso, feio entre outros adjetivos negativos vem representando uma série de situações do país, mas principalmente vem romper com figura do índio europeizado que os Românticos descreveram em suas narrativas.

A história de um povo vem sendo contada por Yaguarê de forma simples e com grande veracidade, pois de acordo com muitos historiadores e pesquisadores sobre as Amazonas, elas eram mulheres fortes que não aceitavam homens em suas aldeias, e nos trechos a seguir é evidenciado a valentia das Guerreiras da tribo Ikamiabas; *Nossas mães são famosas na guerra e, assim como elas também seremos um dia (YAMÃ, 2013, p. 10)*. A narrativa mostra com clareza que desde a infância as pequenas da tribo são instruídas ao legado de guerreiras, treinadas para usarem o arco e flecha e ainda conhecerem sobre a mãe natureza. O enredo vai envolvendo o leitor à medida que apresenta os personagens e as dificuldades que vão surgindo. O narrador apresenta a Amazônia do índio com uma

linguagem própria e com descrições da natureza muito realistas. Isso só enfatiza o que Neide Godim propõe quando fala na diferença que há entre uma literatura que fale do índio para o índio e da literatura que fale do índio na visão do branco colonizador.

Nesse processo de colonização a resistência dos povos indígenas é um marco dentro da história, pois são muitos os líderes indígenas que lutaram pela liberdade durante todo o período de colonização, dentre eles têm o índio, Ajuricaba. Na obra “Pequenas Guerreiras” temos a resistência das índias com relação ao inimigo, onde a personagem afirma que *jamais me renderia!* (YAMÃ, 2013, p.15). Nesse trecho é percebido que os índios não estão vulneráveis ao homem branco, pois mesmo este tendo seus armamentos e recursos mais avançados, não intimidaram as tribos que habitam o território Amazônico.

O Amazonas recebeu, portanto, esse nome, por conta das guerreiras Amazonas/ikamiabas que como já mencionado são mulheres valentes e no enredo o ponto ápice dessa força da mulher é expresso na seguinte passagem: “*Aqueles homens nunca quiseram tanto estar distante das Amazonas como daquela vez. Pensaram em correr, mas elas os seguraram*” (YAMÃ, 2013, p.32). Podemos observar que a força do homem é posta à prova de maneira que foram presos pelas guerreiras e torturados de maneira que esses chorassem implorando liberdade. Em seguida temos a reflexão que essa narrativa traz aos seus leitores, pois na maioria das vezes não adianta ser forte, ter todas as armas se não se sabe utilizar da inteligência para vencer uma disputa. As meninas Amazonas mesmo sendo menores que os caçadores e estando em desvantagem, conseguiram enganá-los, pois utilizaram de estratégias para despistar todos até que as líderes da aldeia as alcançassem.

Os costumes das guerreiras e o local onde estas estão é o retrato da Amazônia do índio, ambiente distante, rico de belezas naturais, com povos distintos de costumes simples, buscando na natureza sua sobrevivência. Falar em Amazônia é falar da grande floresta rica em recursos naturais que por sua dimensão manifesta em outros povos interesses de exploração.

A descrição que é feita da floresta amazônica desde os primeiros registros é voltada aos recursos naturais, um exemplo dessa descrição é a *Carta do Achamento*, que apresenta como a terra que não tem nem ouro nem prata, mas que é rica na fauna e na flora. No trecho a seguir: “*Ei, meninas que tal irmos ao lago nos banhar?* ” (YAMÃ, 2013, p.10) nos é apresentado um ambiente puramente amazônico tendo em vista que há uma grande quantidade de rios e lagos nesta região e que o índio por conhecer a mãe natureza tem liberdade para desfrutar das riquezas naturais.

Yaguarê propõe detalhes dessa floresta para inserir o leitor ao ambiente natural em que se passa a narrativa colocando árvores da região, animais, rios que fazem parte dessa

construção histórica. Nos trechos a seguir são evidenciados alguns dos elementos da natureza como *pedras verdes para fazer muiraquitã* (YAMÃ, 2013, p.19) ou quando as meninas estão fugindo e *saltavam moitas e troncos caídos pelo caminho*. (YAMÃ, 2013, p.24). Além da descrição feita no enredo, a obra conta com apoio das ilustrações feitas por Taisa Borges, que apresenta a natureza com muitas linhas e desenhos com bastante colorido prendendo a atenção do leitor ao texto visual. O visual é utilizado para o leitor compreender o espaço onde a narrativa acontece.

A narrativa apresenta também um momento histórico de grande impacto que é falar da miscigenação, quando propõe a personagem *Dimára* como *uma menina loira, filha de Pátea com um estrangeiro que diziam ser irmão do sol por causa de sua cor clara e que havia estado por lá na época em que as Amazonas avistaram duas enormes canoas lotadas de homens de pelo no rosto* (YAMÃ, 2013, p.12). O enredo vem explicitando um fato histórico marcante que é quando os homens brancos chegaram para conquistar a região violentavam as índias e as deixavam para trás. É notório que na região Norte do país todos conheçam a lenda do boto que consiste em uma narrativa oral em que a ribeirinha se apaixona por um homem que saía das águas durante a noite vestido de branco, encantando as jovens. Essa narrativa sofre mudança no enredo de um local para outro.

O Boto é o bicho mais inteligente dos rios amazônicos [...]. Dizem que possuo poderes mágicos e me transformo em homem para encantar as mulheres. Mas, eu não tenho culpa de ser inteligente e bonito e as mulheres gostarem de mim. Sabe por que eles têm raiva de mim? É porque eu protejo o rio, com a ajuda da Cobra-Grande. A verdade é que eles morrem de medo de mim. Aqui na terra, eles podem me vencer. Mas, dentro d'água, quem manda sou eu (FARIAS, 2001, p.11).

As lendas amazônicas são recheadas pelo imaginário local que permitem a essas narrativas algumas mudanças para aperfeiçoá-las e torná-las as mais verdadeiras possíveis. A discussão acerca do que é verdade não entrará nessa questão, pois a verdade dos mitos, lendas e memórias serão e continuarão sendo verdade para aqueles que nessas histórias acreditam, portanto, as narrativas sobre visagem, curupira, boitatá, cobra grande, fantasmas e outros serão creditadas por todos aqueles que já viram ou ouviram falar de uma situação sobrenatural. O imaginário nessas narrativas é de fácil acesso, pois estudiosos como Trindade & Laplatine afirmam que a investigação de Carvajal sobre a Amazônia permite que o imaginário em relação aos tesouros escondidos seja um marco para a criação fantasiosa no Amazonas.

Diante dos aspectos históricos, sociais e culturais a literatura infantojuvenil indígena amazonense utiliza do imaginário para enriquecer as obras e atrair leitores de todas as idades. É comum atribuir o fantasioso aos pequenos leitores, mas é preciso atentar que o idoso que vive em uma comunidade ribeirinha distante, também vive histórias fantasiosas e se identifica com narrativas que direcionam ao imaginário local “A presença do pensamento mágico se faz notar principalmente em textos da literatura primordial como as lendas, os mitos, as sagas, os contos folclóricos e de fadas, etc” (SICSÛ, 2013, p.51). A obra “Pequenas Guerreiras” reúne em sua narrativa vários elementos, dentre eles, o Mito que é criado para quem o vive logo será realidade, apresentando modelos para o comportamento das pessoas, relata uma história sagrada em que o ente sobrenatural define os passos dos personagens.

O mito pode ser manifestado através da luta entre sagrado e profano, entre o bem e o mal, entre o claro e escuro. É esse sentido sagrado que faz do mito uma narrativa verdadeira. O mito recebe seu valor verossímil que o fortalecerá através do tempo. Essa disputa entre o bem e o mal é que faz desse elemento um produto influenciador da sociedade. Segundo Monteiro e Silva,

A aceitação do mito, no caso da Amazônia, ocorre ou é percebida quando faz parte da identidade do homem amazônico: seja o ribeirinho, o caboclo, ou mesmo o índio, que revivem a sua origem em entes sobrenaturais e, que, de alguma forma, interferem na realidade presente influenciando no comportamento das pessoas (MONTEIRO E SILVA, s/a, p.8).

O mito busca solução para todas as coisas que não estão ao alcance do homem na medida que tenta provar através dos Deuses o que nem mesmo a ciência provou. As identidades culturais das sociedades indígenas são tomadas por mitos que definem suas crenças, seus rituais, suas atividades cotidianas e suas posições diante da sociedade. Toda a vida desses personagens vai sendo instruída através desse elemento que traz reflexão sobre o tratamento com a natureza, com tudo que é sagrado, propondo ao homem saber extrair da natureza somente o necessário para sua sobrevivência, mantendo o equilíbrio em sua vida. As sociedades ribeirinhas, caboclas e indígenas amazonenses têm esse contato direto com esses mitos e lendas, pois são ensinados desde cedo que esses elementos fazem parte da identidade desses indivíduos, narrativas orais que são contadas pelos mais velhos, a fim de criar uma reflexão em relação as coisas que podem ou não ser feitas.

Na obra “Pequenas Guerreiras” é apresentado o mito em uma frase e em alguns pequenos trechos no decorrer do enredo, mas para especificar melhor o momento em que o

mito se apresenta o autor coloca: *É, mas vamos pedir a proteção de Moñag que não deixe nada disso acontecer* (YAMÃ,2013, p.15) Falar no mito é entender que haverá a presença de entes superiores. Para essa tribo, Moñag é o ser supremo que as meninas guerreiras pedem proteção quando estão indo ao encontro do perigo. Pelo fato de Moñag deter o poder sobre o mal, essa atitude assemelha-se com atitudes do cotidiano dos cristãos que pedem a Deus proteção.

As meninas guerreiras são a representação de uma sociedade credora dos mitos que buscam nessa forma de pensamento a tranquilidade e a paz, pois o mito não precisa de justificativas, pelo contrário; este justifica uma cultura por apresentar uma explicação definitiva. Então, quando é invocado Moñag o medo é derrotado e a certeza da vitória vem, pois acredita-se que ele protege e guarda todos aqueles que o obedecem e seguem suas leis.

Ainda dentro dessas características a narrativa apresenta no trecho a seguir o símbolo que a noite carrega consigo *“Não, mas ficaremos, se vier a noite antes de voltarmos para a aldeia”* (YAMÃ,2013, p.27). Dentro da simbologia mística a noite carrega o significado de trevas, medo, morte, perigo que vai de encontro com o significado do dia que indicará a luz. Com isso, percebe-se que as meninas temem ao fato de que durante a noite a floresta carrega mistérios e muitos perigos. Essa é uma característica que o mito apresenta fazendo esse duelo entre claro e escuro. É comum encontrar nas narrativas orais amazonenses esse perigo que a noite oferece. Temos exemplos disso, a cobra grande que aparece aos pescadores durante a noite. O boto se transforma durante a noite ou mesmo as visagens que assombram durante a noite como é visto na obra *Contos da Floresta*, do autor Yaguarê Yamã. Essa característica é registrada também em outras literaturas quando apresenta o lobisomem que faz sua transformação quando é noite de lua cheia e mesmo nos contos de fadas quando o feitiço acaba ao soar o sino da meia noite.

O ambiente em que ocorre a narrativa vai moldar as ações e pensamentos das personagens na literatura amazonense. A floresta será o cenário da maioria das narrativas, pois apresenta distintos significados. Pode apresentar-se como ambiente de magia e descobertas como vemos nas obras não indígenas de *Aventuras do Zezé na floresta*, do autor Elson Farias, *Formosa – A sementinha voadora*, do autor Wilson Nogueira, mas pode ser lugar de medo e perigo como é exposto nos contos, lendas, nos mitos da Amazônia do índio. A floresta é palco de narrativas que engrandecem o imaginário infantil, pois é inserida no mundo dos pequenos leitores desde seus primeiros contatos com mundo fantasioso. Como exemplo disso estão os contos de fadas que apresentam animais falantes, árvores e objetos assumindo a forma humana e ,ainda, colocando a floresta participante direta da narrativa

como *Chapeuzinho vermelho*, *O livro da Selva*, *Tarzan* que fazem parte dessa construção do imaginário infantil.

A floresta na obra “Pequenas Guerreiras” é o ambiente em que ocorre o clímax da narrativa, é o local para onde as meninas vão para fugir dos caçadores e ainda, assim, sabem que é local de perigo, por isso criam uma forma de despistar os caçadores para assim fazer o caminho de volta a aldeia. O enredo da obra faz memória a histórias orais que falam em relação ao poder da mãe natureza sobre o homem como ocorre na história do Juma, Curupira, Mapinguari e entre outros seres defensores da floresta.

O registro memorial é a forma em que os indivíduos tentam repassar histórias, lendas, mitos e acontecimentos para outras gerações, mas é preciso atentar que por não haver registros escritos dessas memórias, muitas delas se perderam com o tempo. Isso ocorreu principalmente com muitas tribos indígenas que não possuíam registros históricos e ao longo do tempo foram sendo deixadas para trás e assim sumindo da memória dos povos e perdendo seus valores para o tempo. Para Oliveira,(2014, p.28) *a ausência de memória é a marca de uma cultura sem autonomia criativa, submissa ao regime de colonização mental*, pois é nas memórias de um povo que está a essência de sua História e de suas verdades. Esta categoria pode ser compreendida como fenômeno individual, mas Maurice Halbwachs vai afirmar que a memória é uma atividade coletiva e social, isto é, uma ação construída coletivamente que sofre mudanças constantes, pois antes de ser coletiva ela é puramente individual é a partir da necessidade de se promover que esta passa ser elemento coletivo logo flexível e mutável.

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.05).

A obra “Pequenas Guerreiras” é considerada fruto de uma memória individual, visto que o autor sonhou com a narrativa e decidiu então escrever sobre o sonho, pois segundo este nunca havia escrito sobre as bravas guerreiras amazonas. Esse ato de transformar histórias orais em obras literárias é muito importante para que tenhamos registros dos povos.

[...] a memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação

ideológica, processo psíquico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz (MENESES, 2007, p. 21-22).

A priori, a memória é entendida como elemento subjetivo pertencente a um único indivíduo, será chamada de memória individual, reflete acontecimentos vividos pessoalmente referentes a sentimentos, desafios, pessoas e fatos vividos que marcam a vida do envolvido. Em seguida Pollak, vai caracterizar a memória como acontecimentos “vividos por tabela” que é a memória coletiva que pertence a um grupo em que nem sempre a pessoa participou do momento, mas que de determinada maneira sente-se parte daquela memória “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p.2). A memória herdada consiste naqueles fatos que desde a infância tornam-se parte da história de vida dos indivíduos, mas que não houve participação direta como vemos em algumas situações familiares nas quais membros fizeram algo diferenciado do comum e essas histórias vão sendo repassadas de pai pra filho como lição ou ato de bravura.

Dentre esses acontecimentos memoriais temos expressões que marcam a memória dos grupos sociais e vão sendo repassadas de geração a geração. Na obra analisada encontra-se o seguinte fragmento: *Corram, meninas, quem chegar por último é mulher do sapo!* (YAMÃ, 2013, p.16) A expressão é uma memória que pertence a gerações passadas que se eternizou com o passar do tempo. Esta análise consiste em analisar o dito pelo não dito, é lembrar-se do tempo em que as crianças se juntavam para brincar de manja na casa do vizinho, no terreiro da aldeia, nos locais em que mais se tem contato com a natureza que dispõe a sensação de liberdade. Essa expressão possui sentido negativo, pois atribui uma condição de castigo ou chantagem quando afirma que a mais lenta entre elas será a *mulher do sapo* divergindo esse pensamento de outra memória. Ao voltarmos às histórias de fadas vai existir a memória de atribuição de valor positivo ao sapo, pois ele tornar-se-á o príncipe encantado que as moças são apaixonadas. Nesse jogo entre memória individual e coletiva vai percebendo que estas categorias são dependentes uma da outra, com isso, as memórias antigas serão espelhos para novas memórias e, assim, vai se construindo a história de vida.

Ainda para tratar sobre memória neste trecho voltaremos a memória coletiva em ações do cotidiano ribeirinho e indígena. Nesse ponto, o foco é voltado para o que foi feito e não mais para o que foi dito, pois é aqui que se constitui uma memória concreta que possui

personagens e um ambiente concreto. O trecho a seguir remete ao leitor a uma memória que está presente no âmbito das histórias de vida “A água está boa! Quanto mais do alto pularmos, mais ao fundo chegaremos” (YAMÃ, 2013, p.16). Para Michael Pollak, a memória e a identidade social estão associadas visto que o indivíduo nasce em um meio que já possui histórias, memória, mitos e que a partir do nascimento poderão surgir novas memórias e ainda assim levar a diante o que já existe, este ato será entendido para alguns pesquisadores como, história oral. A ação de pular na água é comum até para as pessoas da zona urbana que possuem um contato menor com a natureza, mas esta ação faz parte das memórias involuntárias que são tidas como as situações que conhecemos a partir das experiências de terceiros, isto é, o indivíduo pode não ter participado de um momento como esse, mas já possui registros, isso o torna parte dessa memória. Nesse discurso é evidente que o não dito agira com poder persuasivo sobre o leitor, pois este irá refletir e lembrara se já vivenciou um momento natural como esse. É essa recepção positiva que teremos em relação a literatura infantojuvenil como já mencionado, páginas antes é mais fácil compreender a literatura do índio para o índio, pois é nessa literatura que se encontra o dia-a-dia, os costumes e crenças e é com essa literatura que o índio se identifica e se eterniza em memórias e histórias que serão contadas no futuro para outras gerações.

Percebe-se que a literatura infantojuvenil abordada na perspectiva do mito é colaboradora para a construção da identidade dos povos amazônicos, pois promove ao leitor o conhecimento das realidades presentes na Amazônia. Outro ponto importante é atentar que é através da literatura que a cultura indígena amazonense pode ser vista em outras regiões do país.

3.2 MITO E IDENTIDADE NA OBRA ÇAIÇÚ´INDÉ

Na análise desta obra é proposto um olhar específico aos elementos Mito, Memória e Identidade, pois é necessário compreender como eles se relacionam na construção do registro histórico e cultural.

Nessa pesquisa, analisaremos a identidade na perspectiva do índio, apontando na obra os momentos em que nos levam a inserir as personagens Gixiá, Guaracy e Moñag no mito cosmogônico. Observaremos a condição do narrador sendo esse um escritor indígena da etnia Maraguá, suas características na linguagem escrita e as características do ambiente que o envolvem, dando ênfase a importância da obra para o povo Maraguá, pois ainda com o intuito

de divulgar as narrativas infantojuvenis amazonenses percebe-se o valor desta obra para os leitores amazonenses.

A obra “Çaiçú’Indé” do indígena Roní Wasiry Guará, envolve dois personagens principais: Yãny, uma bela índia da tribo Maraguá e Guaracy um ser forte e corajoso que trazia a luz para a terra. Esta narrativa fala sobre a criação do mundo quando Moñag, o ser sobrenatural, ouve os trovões e sente inevitável vontade de criar a luz e as coisas para povoar a terra, mas ao criar a noite as serpentes a roubam e a escondem em uma caverna. Após a criação dos homens surge o conflito desta narrativa, pois a bela índia Yãny apaixonou-se por Guaracy, o sol. Com isso é colocado em evidência um amor impossível.

A literatura infantojuvenil indígena amazonense preocupa-se por registrar narrativas orais que fazem parte da cultura dos povos é mais uma das muitas histórias que permeiam o meio indígena. A obra reúne em suas primeiras páginas uma série de informações que contribuem e se assemelham com outras culturas: Para isso seguirá a análise a partir do mito e, assim, se chega a construção da identidade.

A pesquisa compreende o mito como um fato verdadeiro que possui a participação de seres sobrenaturais. Para melhor entendimento teremos como ponto de partida que o mito “É sempre, portanto, uma narrativa de criação: ele relata de que modo algo foi reproduzido e começou a ser. O mito fala apenas do que ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são entes sobrenaturais” (ELIADE, 1994, p.11). Como afirma Eliade, o mito busca contar sobre a criação, mas é preciso notar que este não se fecha apenas para a criação do mundo, pode falar sobre a criação de elementos naturais como na obra “Çaiçú’Indé”, que comunica sobre a formação do eclipse.

A narrativa faz alusão a outro mito que existe por séculos na sociedade cristã, a criação do mundo encontrada na Bíblia, livro sagrado, que narra no livro de Gênesis como Deus cria em sete dias todos os seres e percebe que todos são bons. Assim, o autor propõe na frase a seguir “veio-lhe a inspiração para organizar a criação do mundo” (GUARÁ, 2011, p.7). Há, pois uma relação direta com outro mito. É comum quando se trata do mito da criação, encontrar similaridades, pois as culturas vão se comunicando para que os mitos continuem existindo.

A relação que há entre os dois mitos aqui citados, transforma a obra em um elemento de propriedade particular, isto é, o leitor ao deparar-se com esse enredo terá familiaridade, pois por mais que não seja cristão, este lembrará do mito da criação pelos olhos do cristianismo. Este fator é de muita relevância, pois é a função da literatura aproximar o leitor do ambiente que é próprio dele. O trecho a seguir é também uma alusão ao mito religioso:

“Moñag criou um mundo perfeito” (GUARÁ, 2011, p.8). Nesse trecho recorda-se aqui a fala “Deus viu que a luz era boa, e separou luz das trevas” (Gen 1,4). Essa relação que há entre os mitos é que os tornam verdadeiros. O mito da criação é narrado em todas as sociedades, porém, sofrem pequenas mudanças como há entre o Mito Grego e o Mito Egípcio.

Rose, na obra *O Mito e Filosofia*, afirma que “O mito é um relato que oferece uma explicação definitiva; o mito não precisa de justificativa. Ao contrário, é o mito que justifica uma sociedade, uma cultura, um costume” (s/a, s/p). O mito explica tudo aquilo que ainda não tem explicação, por isso as sociedades primitivas tiveram a necessidade de explicar como o universo foi criado e com isso surgiu o mito da criação e muitos séculos depois a ciência propõe possíveis explicações, mas para o mito nada na criação precisa ser justificado, pois tudo foi criado por um ser superior que rege todos os outros seres.

No trecho a seguir é percebida a característica maior do mito que é o poder que o ente sobrenatural tem sobre os demais personagens, Moñag, na narrativa é posto como determinador dos feitos do homem, pois a índia Yãny ao apaixonar-se pelo Sol gera o conflito em torno do amor impossível, pois os dois só podem se ver durante o dia, mas o espírito mal, Aryãng, ao ver que os dois estavam felizes ordena que as serpentes envenenem a jovem índia. Ao ser envenenada pela serpente e sabendo que a morte estava próxima “Em seus últimos dias, ela pediu a Moñag que queria ir para o céu também para ficar perto de Guaracy” (GUARÁ, 2011, p.24). Dentre muitos feitos realizados pelo Deus dos Maraguá, esse foi um dos desejos atendidos “Transformou-a em um ser igual a Guaracy, redonda e de luz própria” (GUARÁ, 2011, p.24).

Neste ponto da pesquisa, o Mito torna-se cosmogônico, pois este é susceptível de ajudar em um recomeço da vida, isto é, criação ou recriação. A cosmogonia encarrega-se de mostrar algo novo, um novo mundo que precisou ser explicado.

O modelo cosmogônico, pois não se trata de uma relação deliberada e sistemática. Mas todo o novo aparecimento – um animal, uma planta, uma instituição- implica a existência de um Mundo. Mesmo quando se trata de explicar como a partir de um estado de coisas diferente, se chegou a situação actual (ELIADE, 1963, p.25).

A constatação cosmogônica surge na transformação que existe na narrativa. Essa transformação indica não apenas a mudança de índia para Lua, mas também na junção de dois personagens para torna-se apenas um, o eclipse. Na narrativa há a transformação da índia em Lua, essa transformação indica não só a morte, mas o recomeço a partir de outra visão. “Esse

mito local, por sua vez, faz parte do mito cosmogônico que justifica a existência do mundo. O mito cosmogônico é verdadeiro porque o mundo está aí para prova-lo” (ELIADE, 1992). A cosmogonia na obra surge com a expectativa de explicar a criação de um novo fenômeno “Desta maneira ele criou o Çaiçú’Indé” (GUARÁ,2011, p.30). O eclipse é criado por Moñag que concede aos apaixonados um momento em que a Lua e o Sol possam se encontrar e reviver o primeiro grande amor do mundo este é verdadeiro porque o eclipse existe.

A adoração do homem primitivo aos corpos celestes é uma das teorias mais simples, pois o homem transforma as forças da natureza em mitos com a intenção de compreendê-los e controlá-los. Neste ponto a atenção volta-se ao significado de Gixiá, que traz consigo os mistérios da morte e ressurreição. Assim:

Os ritmos e ciclos lunares servia como tradução para a existência humana. As suas diferentes fases- nova, cheia, crescente, etc.- serviam como modelo, como paradigma das nossas trajetórias vividas que incluem sempre em suas fases nascimento, crescimento, morte e, de vez em quando, ressurreição também (ELIADE,1999, p.31).

A significação atribuída por Mircea Eliade é considerada, pois na obra de Guará o mal aproximasse quando a noite chega “Quando veio a noite, a serpente do mal chegou de surpresa e mordeu a índia” (GUARÁ, 2011, p.24). Esta parte da narrativa indica um novo começo, pois só existia o sol e a partir desse ponto passará a existir o sol, a lua e as estrelas que são criadas para alegrar a lua. Com tantos desencontros dentro do enredo a Lua ainda é triste, pois não está com seu amado “E com tanta tristeza em seu coração, ela começou a definhar, chegando a desaparecer completamente. Por vezes voltava na esperança de encontrar o Sol. E foi aí que surgiram as fases da Lua” (GUARÁ, 2011, p. 27). As fases da Lua vão indicando um Novo Mundo e, é, através desse momento que mais uma vez a Cosmogonia se faz presente, a criação das fases lunares.

A narrativa reúne vários pontos que permitem classificar este Mito como cosmogônico. Isso dá-se nos seguintes momentos: criação do mundo por Moñag, criação da Lua, Criação das estrelas, criação do eclipse e, por fim, a existência do amor. Como se percebe este mito explica tudo como ocorreu, não cabe a ele justificar o porquê, pois ele apenas tem o papel de narrar os fatos. E o mito sempre será verdadeiro para todos aqueles que nele acreditam.

A literatura infantojuvenil indígena amazonense vem atendendo dentro dos seus enredos o resgate da cultura indígena. Durante anos o escrever sobre o índio era considerado

uma escrita menor, pois este participava da margem. Arruda (2012) diz que dentro da ficção da pós-modernidade, “os temas assim como os personagens são notadamente das margens, representados pelos vários pequenos grupos que as compõem: os negros, as mulheres, os homossexuais, os índios, os miseráveis, etc.” (p.228). O escrever sobre o índio hoje não é mais visto como um escrever inferior, pois através da literatura que os personagens marginalizados foram se transformando em identidade cultural e símbolos da alteridade. A escrita moderna colocou em evidência aqueles que fazem também parte do contexto social como idosos, índios, negros, as mulheres e os deficientes.

Essa forma de escrita adotada tem criado no meio social o surgimento de novas identidades, cada vez mais próximas da realidade do povo. Stuart Hall (2005) acredita que “as velhas identidades, que por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2005, p. 7). Ao tratar de novas identidades voltaremos a falar sobre a construção da identidade do Brasil, pois ainda, para muitos leitores e críticos a escrita canônica é aquela baseada nas novelas de cavalaria, ou escritos romantizados burgueses deixando como literatura da margem as obras que não comungam desse pensamento arcaico.

Os escritores indígenas assumem uma posição de grande valia à medida que eles dominam o que é ser um nativo da região amazônica, narram fatos que fazem parte da história e de suas memórias. Tratam em seus enredos as verdades que pertencem a eles, porém o escrever indígena sofre muitos preconceitos, mas é com todos esses impasses que a literatura infantojuvenil indígena amazonense vai se impondo não apenas como literatura, mas também como registro histórico.

Assim chamada a “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2005: 7). A literatura indígena torna essa desconstrução para construir a identidade dos povos indígenas amazonenses com o intuito de resgatar e mostrar a cultura indígena.

Essa construção da identidade do homem se dá com o mito influenciando a cultura. Para o homem amazônico essa relação acontece com o processo de aceitação da boa convivência entre homem e natureza. Os mitos, contos e lendas são partes da identidade do caboclo, índio e de todos aqueles que consideram as diferentes formas de tratar a realidade.

Assim, os mitos e lendas dos atuais povos indígenas ainda guardam lembranças de um passado que se perdeu na voragem da conquista. As rotas comerciais que ligavam a selva amazônica às grandes civilizações andinas ainda continuam traçadas nas entranhas da mata virgem, reconhecidas apenas pelo olhar dos que sabem distinguir antigas veredas dissimuladas pelas folhagens (SOUZA, 2001, p. 26).

O resgate das culturas se faz importante por muitos fatores e um deles está na importância desses povos para a formação da História. Marcio Souza coloca em evidência sobre um passado que se perdeu, não apenas da região Norte, mas também de todas as regiões do Brasil, pois quantas etnias foram esquecidas, quantos nativos deixaram de fazer parte da História do país; os negros que foram escravizados e participaram diretamente na construção cultural do país foram simplesmente excluídos dos registros. Nessa perspectiva de propagar as culturas, costumes, crenças, ritos, mitos e língua, que a literatura indígena amazonense está se fixando como a mais nova construtora da identidade.

A identidade indígena é exposta em parte no trecho: “Sobre a terra foram criados os homens: eram fortes e valentes, e tinham a pele queimada pelo sol; viviam em perfeita harmonia” (GUARÁ, 2011, p.9). Nesta frase é voltado o olhar para as características físicas do índio e explicado o motivo pelo qual ele não é branco. A harmonia entre nativo e floresta é uma das formas de expressar a identidade, pois eles buscam na natureza a sobrevivência e com ela podem viver melhor. O nativo é visto como forte e valente, pois durante todo o processo de colonização até a atualidade sofre com a violência e exclusão dos grupos burgueses.

Ainda sobre identidade, o autor nos apresenta a linguagem do povo Maraguá nas seguintes expressões; igarapé, pajé, Gixiá, Guaracy, Moñag, Puityxi e Çaiçú’Indé. O preconceito com as línguas indígenas foi uma alavanca para os escritores inserirem no texto literário as diferentes línguas indígenas e tornarem essa literatura mais sofisticada, Literatura essa que já existia no código oral e fora menosprezada. As narrativas não são tidas como literatura nacional, pois trazem uma língua que não é oficial e por isso não são ensinadas nas escolas, nem tampouco reconhecidas ou valorizadas.

A narrativa do autor Roni Guará reúne o mito, a memória, história e identidade como elementos fundamentais da construção social. A história não possui um discurso absoluto, pois vive no plano do inexato, esta só pode reconstruir o que já aconteceu. Na obra “Çaiçú’Indé” há uma reconstrução histórica a partir do elemento memória, visto que a obra começa com a seguinte frase: “Contam os velhos do povo Maraguá” (GUARÁ, 2011, p.7). Nesse trecho, percebe-se que o elemento memorial está sendo utilizado como recurso de

propagação e, é por isso, que enfatizo a importância de se fazer literatura indígena, para que outras gerações conheçam e não deixem que essas narrativas desapareçam com o tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura Infantojuvenil Indígena Amazonense possui grandes obras literárias que apresentam grandes conhecimentos sobre a cultura amazonense, reunindo lendas, mitos, histórias e memórias que fazem parte da construção da identidade dos povos amazônicos. Estas obras e escritores passam por uma fase de aceitação, pois se acredita ainda que estas narrativas são leituras para deleite, porém as obras proporcionam ao leitor o ato de refletir sobre questões ambientais, sociais e culturais.

Através das duas narrativas analisadas neste estudo, percebeu-se que as obras feitas pelos indígenas são registros orais dos povos amazônicos. Os escritores indígenas fazem de suas narrativas a reunião de saberes populares, evidenciando o conhecimento de mundo que cada povo possui. A literatura indígena vai ao encontro do cotidiano regional, trazendo histórias sobre visagens, criaturas encantadas, os protetores da floresta, o indígena, o caboclo e o ribeirinho.

As narrativas utilizadas nesse estudo utilizam-se do mito cosmogônico e suas manifestações nas narrativas de forma a influenciar nas ações do homem. Eliade vai afirmar que o mito irá definir o comportamento humano, pois é a partir dele que serão construídas as reflexões sobre os assuntos que o mito trata. Assim, a memória e a história também estarão participando diretamente das narrativas, pois colaboram para o resgate e divulgação dessas narrativas que são registros dos povos indígenas. Diante do exposto, notou-se que os elementos mito, história e memória resultam na construção da identidade dos nativos.

O fato dessas narrativas pertencerem a escritores indígenas tornam estas mais fieis às narrativas orais, pois os autores procuram manter a essência da linguagem, dos saberes locais, das crenças e do imaginário. A linguagem utilizada nas obras amazonenses é pautada pelo falar ribeirinho, caboclo e indígena, pois são desses povos que os enredos são construídos.

Compreender como esses povos vivem é um ponto fundamental para escrever sobre eles. Os estudos voltados ao mito mostraram que este é de suma importância para a construção das narrativas, pois através dele as obras tem uma melhor recepção, isto é, os mitos utilizaram do fantástico para prender a atenção ao leitor que se identificara com as obras.

As obras literárias da Literatura Infantojuvenil Indígena Amazonense utilizam do imaginário para repassar ao leitor questões culturais a partir de histórias fantasiosas. Como dito anteriormente, mesmo com as dificuldades de acesso a essa literatura, ela apresenta um leque de conhecimento para futuras investigações.

Portanto, esta pesquisa permitiu ao pesquisador conhecer mais sobre as riquezas da literatura amazonense, podendo, assim, contribuir para a formação de novas linhas de pesquisa. É importante ainda, perceber que está pesquisa se utilizou desta análise para apresentar ao leitor a obra e seu contexto social e cultural.

Dessa forma, não se pode desconsiderar a importância de manter as histórias presentes no cotidiano das pessoas, pois grande é a importância de repassá-las de geração a geração, tornando as testemunhas dessas narrativas responsáveis de transmiti-la. Essas obras não são por si só escritas arbitrariamente, mas trazem em seus escritos conteúdos antropológicos essenciais, que manterão viva a cultura amazônica, ao mesmo tempo em que servem como registro de cada povo.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática.** 1º ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira.** 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática.** 18º. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** 10º ed. São Paulo. Cortez, 2009.
- DANIEL João. **Tesouro Descoberto no Máximo do Rio Amazonas.** 1º ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito.** Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1963.
- _____. **Mito e realidade.** Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- EL FAR, Alessandra. **O livro e leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos.** 4 ed. Manaus: Valer, 2010.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. **Cenesch Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano**, Manaus, v.1, p.17-33, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5º ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOÉS, Lúcia Pimentel. **Fábula brasileira ou fábula saborosa: sábia, prudente, criativa.** São Paulo: Paulina, 2005.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** Manaus: Editora Valer, 2007.
- GUARÁ, Roní Wasirí. **Çaiçu'indé: o primeiro grande amor do mundo.** Manaus: Editora Valer, 2011. 32p.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 10 º ed. Rio de janeiro: DP&A Editora, 2005.
- KRUGER, Marcos Frederico Aleixo. **Amazônia: mito e literatura.** Manaus: 3º ed. Editora Valer, 2011.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 7 º. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LAPLATINE, François. TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão: Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1924.

LOUREIRO, Antonio José Souto. **O Amazonas na Época Imperial**. Manaus: Editora Valer, 2007.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os Paradoxos da Memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.). **Memória e Cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Edições SESC, 2007.

OLIVEIRA, José Alcimar de. **Cultura, História e Memória**. 2. Ed.- Manaus: Editora Valer, 2014.

OLIVEIRA S.M; LIMA A.S. **O MITO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE**. s/a, Disponível em: < <http://dialogica.ufam.edu.br>> Acesso em 12 de Set. 2017.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, monografia, dissertações e teses**. 2ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

PELINSER, André Tessaro. ARENDT, João Carlos. **Imaginário, identidade e cultura: a perspectiva regional**. Teia Literária: revista de estudos culturais- Brasil- Portugal – África- (2007) - - Jundiaí, SP: Editora In House, 2007.

PENLIZER A.M. **Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do Pós-Moderno**. Estação Literária Londrina, v. 9, 2012, ISSN: 1983-1048.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, v.5,n. 10, p. 200-201, 1992. ISSN 21781494. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>> Acesso em 30 de Set. 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na Era da Multiplicidade. In: **Expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, biblioteca Nacional, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: Formação do sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo; Brasiliense, 1999.

SANDRONI, Laura: De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D' Angelo (org). **30 anos de literatura para crianças e jovens: Algumas leituras**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 °. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SICSÚ, Delma Pacheco. **O imaginário em narrativas da literatura infantojuvenil amazonense**. Manaus: UEA, 2013.

SILVA, C. R. O. **Metodologia do trabalho científico**. Fortaleza: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.

SOUZA, Marcio. **Expressão Amazonense**. 3° ed. Editora Valer – Manaus – AM, 2010.

_____. **Breve história da Amazônia: a incrível história de uma região ameaçada contada com o apaixonado conhecimento de causa de um nativo**. Rio de Janeiro: Revista ampliada, 2001.

STRAUSS, Claude Lévi. **Mito e Significado**. 3° ed. Edições 70- Lisboa, 1978.

YAMÃ, Yaguarê. **Pequenas Guerreiras**. ilustrações Taisa Borges. – 1 °. ed São Paulo, 2013.